

humanitas



Vol. LXIII
2011

apontam para a possibilidade desta relação com a tragédia grega, como quando considera o “herói / anti-herói plutarquiano, cheio de contradições e dilemas, não tanto um agente da História quanto uma personagem moral e actuante” (p.105). Todavia, a influência do teatro reconhece-a o tradutor na construção de algumas cenas, nomeadamente, na da intervenção de Volúmnia junto do filho, analisada com algum detalhe (p. 110). Mas se a encenação de alguns episódios e a configuração do *ethos* trágico de Coriolano apontam para as semelhanças com o mundo do teatro, não menos visíveis são as marcas da influência do desenho épico de Aquiles sobre esta personagem (bem como o de Ulisses sobre Alcibíades). A aproximação à tradição literária grega, em dois dos seus géneros mais marcantes – a epopeia e a tragédia – é uma das leituras mais profícuas destas *Vidas*, que Nuno Simões Rodrigues aproveita e explora, por forma a ilustrar como essa perspectiva dialógica, intertextual, enriquece a recepção da obra. E, ao mesmo tempo, levanta interessantes questões aos estudiosos de Plutarco e, em geral, dos historiógrafos antigos: “Até que ponto são as informações disponibilizadas pelos historiadores antigos matéria *de facto* ou matéria ficcional, importada das tradições literárias de modo a enriquecer os campos áridos da História?”

Registe-se a qualidade destas introduções, que ajudam a situar o leitor nas respectivas épocas, abrindo para as questões éticas essenciais levantadas nas *Vidas* e para os aspectos propriamente literários que as enformam. Por seu lado, ambas as traduções primam pelo rigor, fuidez e elegância, e manifestam uma louvável harmonização do estilo que torna imperceptível qualquer ruído que um trabalho feito a duas mãos pudesse eventualmente mostrar.

O volume é completado por uma bibliografia essencial e actualizada e, ainda, por um útil índice de nomes.

MARTA ISABEL DE OLIVEIRA VÁRZEAS

RAGUSA, Giuliana, *Lira, Mito e Erotismo: Afrodite na Poesia Mélica Grega*, Campinas, Editora da Unicamp, 2010, 661 p., ISBN: 978-85-268-0917-8.

Professora de Língua e Literatura Gregas na Universidade de São Paulo, Giuliana Ragusa é autora de estudos tão finos quanto profundos

sobre a poesia de Safo e, agora, deste belíssimo livro dedicado à análise de alguns dos mais importantes fragmentos de Álcman, Estesícoro, Íbico e Anacreonte, livro esse no qual a figura de Afrodite (já estudada por Ragusa noutros contextos) funciona como elo unificador.

Da leitura do livro ressalta, antes de mais, a solidez das qualidades de Ragusa enquanto helenista. Além da sensibilidade atenta aos variados matizes da língua grega, notamos em cada página o rigor na abordagem aos fragmentos, tanto no que toca aos contextos em que surgem citados em autores posteriores (quando é caso disso), como no que toca à sua materialidade (tratando-se de fontes papirológicas). A transcrição de citações de papiros é exemplar, sendo o rigor dos parênteses rectos e dos pontos debaixo das letras levado, até, para as próprias traduções, de modo a que o leitor sem conhecimentos de grego (e este livro, apesar da sua avançada especialização, pode ser lido com todo o interesse e proveito por quem não saiba grego) possa ter a dimensão da fragilidade dos textos com que lidamos no estudo da lírica grega arcaica (Ragusa prefere chamar-lhe “mélíca” em detrimento de “lírica”, argumentando que “lírica” pode abranger poesia elegíaca e iâmbica, o que é perfeitamente válido – ainda que em Portugal costumemos chamar “poesia grega arcaica” ao conjunto abrangido por poemas líricos, elegíacos e iâmbicos, e “lírica grega arcaica” às composições noutro tipo de métrica lírica, quer monódicas, quer corais).

Outro aspecto em que o trabalho de Giuliana Ragusa merece os mais altos louvores é a abrangência das suas leituras: o seu estudo dialoga não só com uma vasta bibliografia especializada sobre lírica grega arcaica, activamente lida e utilizada, como com traduções dos fragmentos estudados para várias línguas, sendo variantes de interpretação minuciosamente registadas nas notas. No entanto, prima pela ausência toda uma bibliografia relevante em língua alemã (o antigo compêndio de história da literatura grega de Schmid e Stählin é referido na bibliografia, mas convenhamos que para os poetas estudados neste livro a sua utilidade é mínima). Isso não impede a autora de estar ao corrente dos debates mais importantes no concernente aos poetas estudados; e das apresentações e das análises dos fragmentos em causa fica sempre uma impressão de segurança e de competência.

Por vezes podemos perguntar se, dada a extrema fragmentariedade da maior parte dos textos apresentados, a autora não incorre nalgum exagero na avaliação do efeito poético (como na p. 388, por exemplo, ao tratar o fragmento 296(b) Voigt de Alceu). Mas o engenho e a arte de Giuliana Ragusa levam o leitor a descobrir coisas novas em todos os textos

apresentados, tanto nos extremamente fragmentários como naqueles que, pelo seu estado de conservação, já permitiram várias análises e abordagens (refiro-me em concreto ao “Grande Partenéion” – ou “Partênio”, como lhe chama a autora – de Álcman). Claro que, tratando-se de poesia tão multifacetada e propiciadora de tantas leituras, há sempre margem para alguma discordância. Assim, nas pp. 313-314, Ragusa diverge de D. L. Page na avaliação estética por ele feita ao fr. S 151 Davies (= 282a PMG). Reconhecendo a finura e a sensibilidade poética com que Ragusa tenta reabilitar esteticamente esta “Ode a Polícrates”, continuam válidos (no meu entender) os fundamentos em que Page baseou a sua apreciação do poema nos anos 50.

Outra mais-valia do livro de Giuliana Ragusa é a atenção que a autora dedica à forma métrica dos fragmentos analisados. Duas pequenas observações apenas: na nota 107 da p. 479, a escansão iónica parece-me mais natural do que a eolo-coriâmbica; na p. 545, chamar “dímetro coriâmbico poliesquemático” ao colo também conhecido como “wilamowitziano” dá a entender que uma forma possível do colo é a sequência de dois coriambos, o que não é o caso.

Excelentes são as traduções de sua autoria que Ragusa apõe aos fragmentos citados. Mais controversa é a opção de recorrer por vezes aos préstimos de outros tradutores, sobretudo quando a tradução colide com a interpretação da autora. É o caso do passo das *Troianas* de Eurípides citado nas pp. 499-500: a tradução de outrem seguida por Ragusa traduz com alguma infelicidade πόθος por “anseio”, ao passo que na análise a autora traduz ela própria (e mais adequadamente) a mesma palavra por “desejo”. Na página seguinte (p. 501) sucede situação análoga com a tradução transcrita da *Odisseia*, à qual falta a tradução do termo ἀπείρονας depois valorizado na análise subsequente.

A concepção gráfica da página torna o livro extremamente agradável de ler; de louvar ainda o primor estético da fonte grega. A opção de usar o sigma lunar nalgumas citações e os dois sigmas bizantinos noutras justifica-se, imagino eu, pelas opções seguidas nas edições citadas; pessoalmente, teria preferido a manutenção do sigma lunar em todas as citações, independentemente das opções gráficas das edições citadas. A escolha entre os dois tipos de sigma deve reflectir a convicção filológica de quem cita e não de quem é citado (o caso será naturalmente diferente se o defensor do sigma lunar publicar nalgumas revistas de Estudos Clássicos que têm como norma os dois sigmas tradicionais). São raríssimas as gralhas nas citações

gregas: na p. 94, onde se lê *χαρίς*, leia-se *χάρις*. P. 371: onde se lê *ανθρώπων*, leia-se *ἀνθρώπων*. P. 553: onde se lê *Ἔρωτες*, leia-se *Ἔρωτες* e onde se lê *σημνὰ*, leia-se *σεμνὰ*.

Ao leitor português, alguma estranheza causará a forma sob a qual surgem alguns antropónimos gregos (Agidó, Árion, Cleóbulo, etc. – quando em Portugal diríamos Ágido, Aríon, Cleobulo), pois a regra vigente entre nós de contar para efeitos de acentuação a quantidade da penúltima sílaba não é a seguida no Brasil: de resto, é perfeitamente compreensível que cada país tenha a sua tradição nesta matéria. No entanto, mesmo atendendo a essas diferenças na tradição filológica de cada país, nada justifica que Crisóstomo apareça sob a forma “Crisóstemo” na p. 549.

Para concluir, cumpre frisar de novo a excelência deste magnífico trabalho, que, sem detrimento da sua craveira internacional, honra sobremaneira os Estudos Helénicos no espaço lusófono.

FREDERICO LOURENÇO

ROBINSON, T. M., *As origens da alma. Os gregos e o conceito de alma de Homero a Aristóteles*. São Paulo, Annablume, 2010, 288 pp. ISBN 978-85-391-0087-3.

O estudo que aqui se comenta constituiu o volume inaugural da Coleção *Archai: as origens do pensamento ocidental*, da responsabilidade da Universidade de Brasília, e resulta, como o prefaciador (p. 9) e o próprio A. (pp. 11-12) oportunamente explicam, de oito seminários ministrados pelo último no ano de 2009, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília, sob a coordenação do Professor Gabriele Cornelli. Ao texto dessas sessões acrescentou o A. uma ainda extensa parte retirada de um seu livro anterior, já clássico *A Psicologia de Platão*, correspondente aos capítulos 3, 5 e 6 do presente volume, dedicados às visões de Sócrates e Platão sobre o conceito de alma.

O livro abre com um capítulo no qual se comentam os primeiros usos do termo *psyche*, respectivamente em Homero e nos filósofos pré-socráticos (Capítulo 1, pp. 15-43), sendo dado grande destaque ao estudo de Heráclito, de quem se analisam mais em detalhe os fragmentos 45, 36, 117, 107, 118, 77, 85, 98, 27 e 115. Segue-se o estudo do conceito em análise no Pitagorismo (Capítulo 2, pp. 45-62), avançando-se finalmente para o caso de